

ANO XXXVI—N.º 1

49
25 6 69

BOLETIM PECUÁRIO

1968

A PRODUÇÃO LEITEIRA DA OVELHA
MERINA NA ÁREA DA INTENDÊNCIA
DE PECUÁRIA DE SERPA

ASPECTOS ACTUAIS E POSSIBILIDADES
DE POTENCIALIZAÇÃO

Por

ANTÓNIO JOSÉ BORGES BETTENCOURT

Têm sido desde longa data consideradas afamadas pela sua qualidade e quantidade as pastagens naturais da margem esquerda do Guadiana, dos concelhos de Barrancos, Moura e Serpa, nomeadamente as destes dois últimos.

Acerca da sua constituição florística, e por solicitação do então Intendente de Pecuária, Dr. António Hldefonso Bettencourt, foi feita pelo Engenheiro-Agrónomo Carvalho Fontes a sua classificação, na qual consta, além de numerosas espécies de gramíneas, nove variedades de trifoliuns, quatro de medicagos e várias de outras leguminosas de elevado interesse forrageiro. Como resultado deste facto natural, têm sempre tido elevada importância em toda esta zona a exploração pecuária, com predominância nítida da espécie ovina, em relação à dos restantes ruminantes, facto facilmente comprovado ao examinar-se o último arrolamento pecuário em que, contra cerca de 160 000 ovinos, verificamos existirem apenas 4646 bovinos e 13 282 caprinos.

Embora estes números possam estar actualmente algo modificados, principalmente em relação à espécie caprina, a qual por factores relacionados com a carestia da mão-de-obra tem sofrido sensível aumento, os ovinos continuam a ser na actualidade aqueles que dominam a animalicultura regional.

O clima de toda a região é de tipo continental, com fraca pluviosidade, cerca de 600 mm por ano, e de distribuição muito irregular.

No que respeita aos solos, eles são muito variáveis, desde os esqueleticos e delgados de xistos, de fracas pastagens, muito degradados por

uma intensa exploração cerealífera, até aos argilo-calcários, mais ricos e produtivos.

Consoante os terrenos onde são explorados, os rebanhos de ovinos têm tipos, dimensões e maneios diferentes, relacionados não só com a dimensão da propriedade, como com o quantitativo da massa forrageira produzida e época de maior abundância.

Sob o ponto de vista étnico, pode dizer-se que todos os ovinos desta região sofreram, e quanto a nós bem, maior ou menor influência do merino precoce francês.

O regime alimentar desta pecuração é geralmente constituído apenas pelos pastos naturais com épocas próprias de carência, tanto mais longos quanto as chuvas tardam a cair no outono ou o inverno é mais rigoroso. Como fraco suplemento a este modo de exploração, nas épocas de carência é-lhes distribuída palha de legumes, geralmente de grão, e, num ou noutro caso, feno, nem sempre de boa qualidade. As pastagens semeadas à base de consociações diversas de gramineas e leguminosas, variadas segundo a constituição dos solos, destinam-se quase exclusivamente à espécie bovina, quer para consumo directo, quer à manjedoura, sob a forma de silagem ou feno. Para a ovelha, quando muito, são reservados os restolhos após pastoreio dos suínos e bovinos.

Tendo como rendimento fundamental a produção de carne, a altura de nascimento dos borregos é orientada no sentido de se obter não só maiores pesos unitários como também de fazer coincidir a época de venda com a de preços mais elevados por unidade peso.

É assim que, nas regiões do «barro», de boas pastagens estivais resultantes do aproveitamento dos restolhos de gramineas e leguminosas, os nascimentos processam-se durante os meses de Agosto e Setembro, com as mães bem nutridas e uma produção de leite que garante aos recém-nascidos uma conveniente alimentação. A época de venda situa-se em fins de Dezembro e Janeiro. Nas terras de xisto, da Serra de Serpa, Mértola e Barrancos, a época de nascimento mais frequente tem lugar durante os meses de Novembro e Dezembro, aproveitando para o efeito a circunstância de nesse tipo de solos ser a pastagem mais temporã e complementada pela bolota de azinho e sobro.

Diferente é também, e como consequência dos factos atrás apontados, a época de início da ordenha, coincidindo com a desmama que no último caso tem começo nos fins de Março a Abril.

De notar que, de um modo geral, é mais curto o período de aleitamento dos borregos mais serôdios que dos temporãos.

Relacionada também com a época de parição e a duração do período de aleitamento, temos nestes dois tipos extremos de exploração, que de certo modo não são absolutamente rígidos, o período de alavão que é mais longo nas ovelhas do barro e mais curto nas das terras mais fracas e de menor produção forrageira.

Podemos mesmo considerar que a produção leiteira dos alavões nestes últimos tipos de solos é extraordinariamente diminuta, uma vez que desmamando em Abril e Maio, o mês de Junho é, por vezes, já de franca carência alimentar pela fraca capacidade que as terras deste tipo apresentam para o armazenamento das águas.

Em relação aos rebanhos de ovinos das terras mais ricas, há a considerar em grande número de explorações duas épocas de parição: a «temporã», a que já fizemos referência, em Agosto e Setembro e respeitante aos animais do 2.º parto em diante, e a «serôdia», das malatas, em Janeiro e Fevereiro, procurando-se assim com este atrazo um melhor desenvolvimento corporal e que o período de aleitamento, por ser de mais curta duração e em época de maior abundância de pastagem, lhe não prejudique o crescimento. Desmamados os borregos destas ovelhas em Abril, com pouco mais de dois meses — os borregos da Páscoa —, elas ingressam no alavão, ao qual dão, por assim dizer, nova vida, por serem animais recentemente paridos.

Sendo a população ovina, a que nos estamos a referir, caracterizada para uma produção mista — carne, leite e lã — analisemos um pouco mais detalhadamente a influência destes três produtos na rentabilidade total da exploração, tal como era praticada há 10 anos e é realizada hoje.

No capítulo da carne considera-se como fundamental a produção do borrego, uma vez que o produto da venda das ovelhas de refugo é relativamente pequeno e pode, em nosso entender, considerar-se absorvido pelo encargo resultante da criação das borregas destinadas ao repovoamento do rebanho.

Tomemos como base, e para simplificação da exposição, um efectivo de 100 ovelhas, das quais há 95 paridas e 90 borregos criados.

Época de 1957-58:

1 — Borregas destinadas a recria	25	
2 — Borregos para venda — 65 —, com o peso médio de 21 kg ao preço de 8\$00/kg		10 920\$00
3 — Lã — 100 ovelhas a 3 kg, ao preço de 450\$00/arroba		9 000\$00
4 — Leite — 90 ovelhas a 17 litros de média, e ao preço de 3\$00/litro		4 590\$00
		24 510\$00

Considerou-se, para o efeito, a idade média do desmame aos 120 dias e um período de alavão de 90 dias. Como facilmente se pode verificar, a venda do borrego dominava no rendimento global bruto em quase 50 %.

A exploração ovina no último decénio sofreu certa evolução, não só no que respeita ao preço unitário dos diversos produtos, como até, e em consequência deste, no seu quantitativo global. É assim que, por um aumento substancial do preço do quilograma da carne de borrego, este tem vindo a ser cuidadosamente alimentado e consequentemente a apresentar à desmama pesos médios superiores, que se podem estimar em cerca de 25 quilos. O leite ainda sofreu um mais sensível aumento, cifrando-se na ordem dos 6\$00 o litro. Em relação à lã passou-se, como é do conhecimento geral, fenómeno inverso, agravado pelo facto de, mesmo a baixo preço, ser difícil, actualmente, a sua venda.

Ao fazermos o cômputo dos mesmos factores de rendimento bruto, apuramos, para as 100 ovelhas, o seguinte:

Época de 1967-68:

1 — Borregas destinadas a recria	25	
2 — Borregos para venda — 65 —, com o peso médio de 25 kg, ao preço de 12\$00/kg		19 500\$00
3 — Lã — 100 ovelhas a 3 kg, ao preço médio de 300\$00/arroba		6 000\$00
4 — Leite — 90 ovelhas a 20 litros de média, e ao preço de 6\$00/litro		10 800\$00
		<hr/>
		36 300\$00

Estes números dão bem ideia de um clima de certo modo favorável para a exploração ovina na região, com um rendimento, em nosso entender, ainda não igualado pela bovina, apesar da política de protecção que esta tem sido sujeita.

Vários factores, porém, devem ser, quanto a nós, analisados, e no mais curto espaço de tempo, uma vez que os problemas da carne e do leite estão a sofrer nova evolução e necessário se torna estarmos devidamente preparados para os enfrentar com êxito.

O leite

O queijo de ovelha de toda esta região é justamente afamado e conhecido pelo nome de «queijo de Serpa». O seu preço é elevado e fácil a sua colocação no mercado nacional e de tal modo que, por não chegar para o consumo, é frequente ver à venda, em estabelecimentos da nossa capital, um queijo com tal rótulo, mas na realidade de origem bem diferente.

Sendo o seu fabrico realizado em pequenos núcleos de tipo indústria familiar, «a rouparia», de fraca capacidade e necessariamente mal aparelhada são por vezes grandes os prejuízos ocasionados por fabrico e

cura deficientes, o que se vem reflectir não só no bom nome do produto, como também no desequilíbrio existente entre o preço da venda do leite e do queijo pronto a ser consumido. Com efeito, sendo necessários à volta de 5 litros de leite para o fabrico de 1 quilo de queijo, as operações de manipulação quase fazem duplicar o preço da matéria prima utilizada. Este é, quanto a nós, um problema que urge ser estudado e resolvido localmente, para o que já temos feito várias diligências, ainda não coroadas de êxito. Dada a sua transcendência e implicações de vária ordem, deixamos para técnicos mais especializados na matéria a solução adequada do problema, apenas aqui o afluando pela sua relação com o rendimento do armentio ovino.

O êxodo das populações rurais para os grandes centros populacionais tem vindo a reflectir-se de modo sensível na exploração ovina, o que tem levado alguns agricultores, até porque tal tecla tem sido já por diversas vezes batida, a abandonar a ordenha das suas ovelhas, por ser esta operação a que exige maior mão-de-obra.

Por considerarmos o rendimento dos alavões uma parcela bastante importante e não desprezível, contrariamente ao que muitos pensam, apresentamos alguns elementos de contrastes leiteiros individuais que fizemos em vários efectivos da área desta Intendência e que bem provam a verdade do que afirmamos.

MÉDIAS, POR EXPLORAÇÕES, DOS CONTRASTES INDIVIDUAIS				
Exploração	Número de animais	Número médio de dias de lactação	Produção média diária	Produção média total
a)	51	191	268 g	52,2 kg
b)	31	187	298 »	55,8 »
c)	39	214	256 »	54,9 »
d)	51	207	302 »	62,7 »
e)	44	196	313 »	61,5 »
f)	26	191	309 »	59,2 »
g)	23	244	249 »	60,8 »
h)	53	235	418 »	98,4 »